

DIRECTOR E PROPRIETARIO  
Ruy Delphim Gomes

EDITOR  
Augusto Luiz d'Albuquerque

Redacção e administração  
R. Direita, 64 — 3.º andar  
Coimbra — Portugal

ASSIGNATURA  
Trimestre ..... 150 réis  
Semestre ..... 300 réis  
Número avulso ..... 20 réis  
Pagamento adiantado

Os originaes não publicados  
são restituídos aos seus autores

# O CLARÃO

A Lueta! a lueta  
é a vida, e tanto  
mais intensa  
quanto aquella  
for mais viva.

P. Kropotkine

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

Composto e impresso na *Typographia Litteraria.*

ANNO I

COIMBRA — 16 de Fevereiro de 1910

NUMERO I

## Eu sou o "Trabalho,"

Arreda canalha vil usurpadora que vegetas entaipada em excêntricidades que realçam a tua cimica caveira no esplendor das suas fulgurações e deixa-me passar porque eu sou o elemento essencial do Universo, embora a minha fronte não esteja coroada de honras vãs.

Arreda porque eu sou a trabalho e as minhas virtudes estão escriptas a letras do meu sangue rubro, derramado pelo teu egoismo, no grande livro do futuro que o hade abrir a Razão e lel-o a Justiça e quando a sua voz ecoar através dos Oceanos, então o teu corpo cairá para sempre inanime e expiará assim moralmente o crime horrendo das tuas montruosidades.

Arreda e deixa passar as mãos calósas mas divinas d'aquelle que prepara ha mil annos a seara exuberante e ineixgotavel que hade acariciar e alimentar as gloriosas gerações do futuro.

Arreda e deixa que passe aquelle que apesar de todos os grilhões que tens fabricado, apesar de todas as furnas que tens edificado e apesar de todos os instrumentos de martyrio que a tua indole sangui-naria tem imaginado, germina e germinará eternamente até que sobre a Terra a Vida se extinga.

Arreda pois sinistra e infame hypocrisia, porque eu vou buscar alento aos meus irmãos que na luta se vão glorificando.

Arreda e á minha passagem curva essa caveira rancorosa e prestilenta por que eu sou

## O TRABALHO

(Despreso o poder dum governo iniquo, os seus policias e seus espiões).

Engol

## REALIDADE?!...

O sol bemdito, o pae dos pobres, já se ia escondendo no horizonte; o mar bramia e elevava cada vez mais alto as vagas, que resplandeciam aos tepues raios do sol.

A praia estava deserta. Só proximo aonde as vagas quebravam, se via o quer que fosse; aproximei-me e vi que era um homem agonisante; fiquei por uns momentos atonito, olhando o quadro que se me deparava, toda a vida ali estava representada, ao olhar-se para aquelle rosto macilento, para essas mãos calejadas, advinhava-se logo os terriveis dramas da vida intima d'aquelle omem que emquanto produzio, a sociedade chamava-o. e quando as suas forças já estavam gastas a sociedade despresava-o, e eu olhava a cidade que se erguia alem entre a podridão e a lama. Pela minha vista passou de tropel a casa de jogo, casinos, bailes e tantas outras orgias que eu ao recordal-as admirava-me da perversidade e ingratição dos homens ser tanta.

E no entanto a meus pés um *muribundo*, quasi ezalava o ultimo suspiro, só o mar lhe lavava o amarelecido rosto emquanto o sol ainda o alumiaava d'uma maneira sublime.

O sol foi-se embora, e não tardou que as sombras da noite nos viessem envolver e eu como petreficado ali fiquei ao romper d'aurora: só vim a mim quando o *muribundo* erguendo-se prostiou com um soco os vermes que sugavam o sangue; tão admirado fiquei que fechei os olhos e quando os reabri, em minha frente só um montão de ruinas e a meus pés um christo esmigalhado, uma corôa partida e um barrete amarrotado, apurei o ouvido e ouvi um continuo barulho de enchadas que revolvem a terra, de toda a ferramenta emfim

Era o trabalho, era a vida.

## A ORA VAI SOAR!

Povo do campo: desperta, ergue-te e cumpre o teu dever:

*A ora vai soar!*

Já para mim eu sinto vir os passos dos camponezes, passos peza-dos e seguros no caminho luminoso, e cheio de fé, no caminho do futuro, já até a mim chega o grande

sussurro das vozes do povo cantando a *Nova Ressurreição.*

*A ora vai soar!*

Afastam-se os matagaes para dar passagem aos corpos masculos, vigorosos dos que trabalham seculos e seculos para que outros gozem e os limites já são apagados e não ha nomes nos palacios.

O sol fecundante saúda a *nova gente*, arrancando chispas de luz das foices roçadoras que se erguem em floresta de ameaça aos que nada produzindo tudo possuem.

O Povo avança e o povo canta:

*A ora vai soar!*

Não ha pedaço de terra aonde a felicidade não brinque, aonde a Natureza se não una ao reviver do Amor!

Ha calor nos lares, aonde crepitam colunatas e doirados; ha, sobre toalhas brancas, iguarias e manjares, que a Natureza dá o premio aos que souberam merecel-o.

Não andam creanças nuas, que as sedas e os brocados ainda chegam para vestir a humanidade inteira.

Se ha manchas de sangue nos rios e no granito das calçadas, não chega para cobrir aquelle que deramaram ha seculos, nas masmorras e nas ruas quando se pensa, quando se luta.

Povo do Campo, povo rude e ingenuo: olha para ti para o teu campo, para o teu rebanho. Ha uma palavra que te mete medo, e no entanto é uma palavra santa: Para tu te pertenceres, para o teu campo ser teu, para ser teu o teu rebanho, é necessario que te êrgas e que aos gritos dos teus irmãos famintos unas o teu grito e caminhaes para a frente.

Sauda o sol que te beija, sauda o Futuro que te sorri.

Povo do campo cumpre o teu dever.

*A ora vai soar!*

Leite Junior.

## Avante

Dentro de uma sociedade aonde predomina desenfadadamente a vaidade e, onde se está sujeito a absurdos e preconceitos os quaes tendem simplesmente isto para gloria da burguezia, tolher a marcha para a emancipação humanidade não é raro presenciarmos o despertar de grupos de jovens semeadores do bem, que, desligando-se da rotina dezesjam o desenvolvimento intelectual da humanidade soffredora, e para que se tornem n'um facto as doutrinas tão admiravelmente exporta por Kropotkine, Malatesta Grave e outros.

Em Coimbra, vai apparecer um jornal para propaganda destas ideias; é elle criado por um grupo de jovens que afastando-se d'essa putrida sociedade, querem por aquela forma, reedificá-la, mas em novos alicerces, assentes na paz, no amor e na egualdade Universal.

Avante pois.

Rio-Ave.

## A luta é a vida

Se em ti sentes a força juventude, se queres viver, se queres gozar a vida inteira, plena, exuberante, isto é sentir o maior gozo que um ser vivo pode desejar, sê forte sê grande, sê energico em tudo quantas faças.

Semeia a vida em volta de ti.

Repara que, enganar, mentir, intrigar é envelhecer-te, é reconhecer-te debil de ante-mão, é fazer como a escrava do harém que se sente inferior ao seu senhor.

Procede assim se te agradar, mas fica n'esse caso previamente sabendo, que a humanidade te considera pequeno, mesquinho, fraco e tratar-te-á como um ser digno de compaixão, de compaixão somente.

Não te queixes da humanidade, pois tu serás, se d'essa forma procedes, quem paralisa a tua propria força d'acção.

Pelo contrario, sê forte, e quando vires uma iniquidade e a comprehenderes — uma iniquidade na vida, uma mentira na sciencia ou um sofrimento imposto por alguem — revolta-te contra a iniquidade, a mentira ou a injustiça,

Luta! A luta é vida, e tanto mais intensa, quanto aquella fôr viva.

Então terás vivido, e fica sabendo que, por alguns dias d'essa vida, darias anos de vegetação na podridão do pantano.

Luta para permitir que todos vivam esta vida rica e exuberante e está seguro de que encontrarás n'esta lucta gosos tão grandes com não os encontrarias em nenhuma outra actividade.

Pedro Kropotkine.

## A Taberna

E' a taberna pertencente ao monturo anachronico do cancro social.

N'ela se deturpam consciencias e se prostituem ideias.

A taberna é o ladaçal do vicio e a vereda do crime.

N'ela se representam scenas de infima especie. O ser humano que se deixa arrastar pelos seus aperitivos o alcool, estiola-se, definha-se embrutece e torna-se em monstro, prejudicando assim as gerações vindouras, que soffrem as consequencias dos seus fecundadores.

E' a taberna que a humanidade acorre quasi unanime, a deleitar-se nas libações do alcool que lhe trans-torna o cerebro e lhe exalta o sangue, que produz a allucinação, e tem por epilogo, leval-o a pratica do crime.

E' na taberna aonde o misero operario viciado pelo alcool, se vae desfazer de uns miseros cobres (o salario de 6 dias de trabalho), que a onda ululante dos sequases exploradores lhe deu em troca d'esse trabalho insano, de labutar constante, de martyrio, de dôres, de desespero, esquecendo o seu corpo esfarrapado, o seu estomago, abandonado a mulher e os filhos a quem egualmente o verme da miseria e da fome corrompe, conduzindo-os ao caminho da tuberculose.

E' a taberna, emfim, a imunda caverna aonde a alma humana se perverte de todos os males, prejudicando a saude e obscurecendo o cerebro.

Vêde proletarios que frequentaes essas imundas espeluncas, aonde o ar é viciado pelo cheiro nauseante do alcoolismo, quaes os ter-riveis efeitos d'esses antros perversos.

Fugi d'elas, procuraes o campo, procuraes o ar livre, que vos fortalecerá que vos dará saude; ide proletarios, nos dias de descanso passear no campo com a nossa familia

com vossos companheiros de trabalho, fraternisae, idealisae o plano do vosso bem-estar comum, é: *Fugi da taberna!* Dela nem ao menos a lembrança!

Cada taberna que se abre é um raio de luz que se extingue!

A' taberna! . . . Oppômos nós a escola! Frequentar a taberna . . . E' demoralisar-vos, é perder a noção do direito de conquistadores, a vossa melhoria de situação.

Afastae-vos aperarios, afastae-vos, que a taberna e o mal.

Fugi d'ela e retugiae-vos no vosso relucto — a Associação de Classe — ahi procuraes instruir-vos orientando-vos para a conquista dos vossos direitos postergados pela cafila orripilante dos exploradores de todas as espeeies e matises.

Orientae-vos, prendidos por uma educação livre de dogmas, de sectarismo, de partidarismo e clagues, tornaes-vos homem livre dentro da Associação livre, executae pelo livre acordo, pela unificação da ideia, formae a harmonia, o conjuncto da união de todos os oprimidos contra a matula dos vorazes sugadores do nosso sangue; o retrocesso, suplantae-o com o progresso! . . .

A' taberna preferi a escola e a Associação.

Assim chegarás, proletario, a abater todos os males que te contaminam, e erguer uma sociedade nova, aonde impera o bem-estar comum.

Lôpo M.

## MAIS SANGUE!

São quasi entre nós desconhecidos os orripilantes crimes que se praticaram no Japão; foram fuzilados o Dr. Kotcu, sua esposa e mais doze estudantes, os outros foram condemnados a diversas penas,

O crime que elles praticaram foi o que praticou Ferrer, Platão e tantos outros.

Mais uma vez a burguezia foi saciar a sua ira indomavel sobre os apóstolos da Verdade; e tu, ó humanidade que produzes, vaes deixando matar teus irmãos sem que o sangue dos tyranos corra?! . . .

Como tu és indigna de ti mesma!

Como és vil!

Kolpanof.

## A Obediencia

A obediencia é o sustentaculo da sociedade burgueza.

E' a obediencia que a burguezia por todos os modos nos prega em tudo e por tudo; obediencia de todos os tamanhos — nas leis, no pulpito, no confessorario, na imprensa, sem cessar. por que reconhece que se a grande massa popular se convence do que vale e do que pode, quando souber que é a obediencia que deve os males que sofre em toda a sua longa vida de trabalhos, corerá com todos os que se arrogam de auctoridade que não fundam em principio algum natural ou racional.

Qual será o direito com que um homem confirma em si o poder de mandar nos outros, quando é certo que é em tudo naturalmente igual, feito da mesma massa, de carne e osso? E quem é que raciocinando, o pode investir de cargo tão odioso?

Ninguem que tenha dois dedos de testa alheiará voluntariamente de si, para delegar n'outro o poder de se governar.

Se a burguezia tem conseguido até hoje sustentar-se n'essa posição se tem sustentado com a disciplina de seus exercitos, se tem conservado os trabalhadores subjugados ao seu imperio, não é senão pela deficiência calculada da instrucção que lhes faculta ou do tempo resumido que lhes concede para a sua educação.

Se a instrucção fosse abundantemente espalhada, ha muito que os oprimidos e os espoliados teriam reconhecido a justiça da sua causa que com tanto amor propagamos e saberia cumprir o seu dever, estabelecendo a egualdade entre os homens — e ai d'aquelles que se recusassem a aceitar essa convenção sublime, por que teriam de se submeter a bem ou a mal.

Assim o soldado é o symbolo da obediencia cega, incondicional, automatica, e com medo ás leis opressoras e ao jugo ferreo com que é tratado, sofrendo as maiores ve-

xames, recebe os mais amargos insultos, passa as mais acerbos repressões, e atura, cala-se, treme e submete-se á vaz retumbante dos assalariados da morte.

Os exercitos são criados e mantidos não só para a guerra, mas tambem para fazer calar as vozes dos escravos, quando fartos de sofrer, se revoltam contra a pessima sociedade em que vivemos e reclamam mais Liberdade e Justiça.

## OS REBELDES

## I

*Eu amo a luta e abrigo a paz no coração.*

*Meu credo feito d'alma e feito de perdão.*

*Vivo de benções, como a flor vive de luz,*

*Pregando na montanha, assim como Jesus,*

*As delicias do amor e a paz universal. Baionetas para quê? se a baioneta é*

*egual*

*A' faca do assassino! Em vez d'homens de guerra,*

*Camponeses lavrando e sementeando a terra...*

*Que eu não amo o que mata no meio d'uma rua,*

*Mas o que cria um filho ou guia uma charrua,*

*E, embora admire e louve essa mulher que foi*

*Ao meio de Paris executar um heroe, Muito mais louvo e quero essa mulher*

*d'aldeia*

*Que vai á fonte, acende o lume e faz a ceia*

*E abre o peito, dando a um filho de mamar*

*Corday é uma tormenta, a cauponeira um lar,*

*Crear — eis o preceito amar — eis o dever.*

*O nosso peito abril-o a todo o que quiser:*

*Aos que são cegos, luz; aos que tem fome, pão.*

*Por isso é que eu abrigo a paz no coração.*

## II

*Ha quantos soes, porem, eu vou rindo e cantando*

*Apoz o grande ideal que eu não sei como ou quando*

*Ha de tornar feliz a vida no universo...*

*Ai, quanto sonho, ai, quanto amor, no*  
*olvido immenso,*  
*Fui deixando atravez do mundo esse*  
*odio armado,*  
*Onde tu, povo, és sempre o algos e o*  
*condemnado.*

*Quando eu parti brilhava o astro na*  
*amplidão.*

*E olhei a vida... Em roda o luto e a*  
*escuridão*

*Envolviam-me como um manto de ter-*  
*ror.*

*E lá no fundo, obscuro, exaustado, o*  
*cavador*

*Bradando inutilmente!... O' vida*  
*dolorosa,*

*Quanta vez ao cair da noite silenciosa,*  
*Ao lento fumegar dos colmos no po-*  
*voado*

*Ouvia claramente o grito estrangulado*  
*Do que tem fome e frio e não tem lar*  
*nem pão.*

*E eu, perdido na noite, aguçava o bor-*  
*dão*

*Nas pedras do caminho a falta d'uma*  
*espada.*

*E do mundo atravez da rigida nor-*  
*tada,*

*Fui vendo a mesma dor. odiando o*  
*mesmo crime,*

*Quando eu julgava achar o braço que*  
*redime,*

*O povo unido o peito aberto e sem cou-*  
*raça,*

*Como um raio de luz num furacão*  
*que passa,*

*Como um grito d'amor na boca de*  
*Danton,*

*Só via mortos! nem um brado, nem*  
*um som!*

*Vendo-me, pois, na luta homérica só-*  
*sinho,*

*Eneontrei o meu corpo a beira d'um*  
*caminho,*

*A' espera que passse alguém pelas es-*  
*tradas.*

*Chamei, chamei em vão. As mão en-*  
*sanguentadas,*

*Ninguem as viu, ninguem parou*  
*olhando. Então,*

*O povo é que eu chorei tuas logas ago-*  
*nias,*

*Tal como antigamente o velho Jeremias*  
*A's do povo de Deus, nos muros de*  
*Sião.*

*Mas foi assim, bradando aos ceus, ru-*  
*gindo e amando,*

*Roto e faminto, olhar em pranto e a*  
*baba hirsuta,*

*Que eu me tornei rebelde agora só con-*  
*fiando*

*No bem que vier da dôr, na paz que*  
*vier da luta.*

*(dos Desherdados)*

*Thomaz da Fonseca.*

**EXPEDIENTE**

A todas as pessoas a quem enviamos o nosso jornal e não o queiram assignar pedimos no-lo devolvam na volta do correio; caso assim não precedam consideramos as como assignantes para todos os efectos.

Em virtude de se lutar com algumas difficuldades a cobrança principará alguns dias apos a distribuição, pedimos pois para a facilitarem.

A Redacção.

**Para que serve o exercito**

Incalcula-se assim o seu dever a esses homens. Durante o dia, nas casernas, falam-lhes da segurança da patria, de que elles são os guardas, e dos reinos visinhos cuja cubiça ameaça o territorio, mas á noite collocam-nos em presença dos verdadeiros inimigos, da plebe ainda susceptivel de colera, cujo possivel assalto, cujas formas violentas de reivindicacão é preciso prevêr. Que engenhoso mytho o do rival estrangeiro, do adversario hereditario! elle sustenta em pratica as nossas plutocracias; graças a elle, chégam estas ao admiravel resultado de mobilisar uma parte da classe trabalhadora contra a outra parte, de forma que, qualquer que seja o desenlace d'uma guerra civil, só os miseraveis lhe suportam o peso e lhe soffrem os efectos. Todo o esforço dos moralistas, dos philosophos e dos historiadores salarizados concorre tambem para fortificar essa tabula, para embeleza-la; derrama o meste-escola as suas doutrinas, de modo que os pobres julgam proteger na verdade as suas choupanas que coisa alguma ameaça, e recebendo a esportula, defendem o seu direito de morrer á fome.

Bernard Lazare

**Bibliotheca do "Clarão,"**

**Jornaes e Revistas**

**H Aurora**

Semanario de propaganda libertaria. Mez 50 réis.

Avulso 10 réis.

**O Sindicalista**

Semanario defensor da classe trabalhadora, preços: 160 réis.

Avulso 10 réis.

**H Luz do Provir**

Mensal, órgão dos sapateiros e das classes trabalhadoras.

Avulso 10 réis.

**H Sementeira**

Revista mensal ilustrada de critica e sociologia.

Avulso 40 réis.

**Livros e folhetos**

PINTO QUARTIM	
Mocidade vivei	100 réis
C. CORNELISSEM	
A Caminho da sociedade nova	100 »
E. ZOLA	
A Germinal	600 »
A Verdade	1:000 »
A HAMON	
Socialismo e Anarchismo	200 »
P. KROPOTKINE	
Em volta d'uma vida	700 »
O Espirito revolucionario	50 »
Um seculo d'expectativa	50 »
L. OLIVEIRA	
A Justiça e o homem	200 »
R. MELA	
Aos Camponezes	20 »
C. LISTE	
A propriedade e o socialismo	20 »
S. GUSTAVO	
A mulher	100 »

**Pedidos á Redacção**

**"O Clarão,"**

Encontra-se á venda nos seguintes locais:

LISBOA — J. Fontana da Silveira, T. do Ferreira II, «kiosque Elegante» ao Rocio.

PORTO — Acacio da Silva, R. Formosa 235.

THOMAR — J. Marques Leitão, R. Serpa Pinto 114.

EVORA — Celestino M. do Valle, R. do Paço 85.

MERTOLA — Antonio R. Silva.

POÇO DO BISPO — Paulo dos Santos.

PORTIMÃO — José Buizel.

EXTREMOZ — Peseydonio Mesquita.

ALVITO — Manuel Rodrigues Caçapo

CARAMUPO — Francisco Paulino.

GAYA — José Leonardo d'Almeida,

O Mundo, sim, o que é o mundo?  
E' um vale d'illusões  
Onde mães sufocam dôres.  
Onde gemem corações.

Ruy

**O Clarão**

Abre as suas columnas a todos os oprimidos para n'ele poderem livremente expôr suas ideias e formular suas queixas.

Sociedade sem reis, humanidade sem fronteiras, eis a minha aspiração.

Victor Hugo

Que é a patria? Uma concepção inventada por uns tantos para sugarem os que trabalham.

ESPANA

Quando uns teem tudo e os outros nada, quando os que trabalham vivem na miseria e os ociosos na opulencia, a sociedade não é perfeita.

Jean Volders

Oferece-se a todos os assignantes que o requisitarem um exemplar do folheto. «Como não ser anarchistas» de José Chneca.

O que pretende fazer-se dono de tudo, possail-o por inteiro e excluir os seus semelhantes da terça ou quarta parte, não é um irmão, será um tyrano, um barbaro cruel, ou melhor direi, uma besta feroz, cuja garganta está sempre aberta para engulir o alimento alheio.

S. Gregorio de Niza

Se os palacios resplandecem, os campos estão incultos e os celeiros vasilos, Os principes ornam-se com ricos estojos, brandam uma espada de gume penetrante; saciam-se de manjares delicados, regorgitam de riquezas. E' o que se chama glori-ficacão do roubo.

Lao Tseu

O soldado, que n'um dado momento desfecha a espingarda contra os seus superiores, é um assassino, é um creminoso; porem, se no campo da batalha matar cem, mil ou mais homens, deixa de ser um assassino para ser um heroe.

\*\*\*

O caracter proprio d'uma revolução é fazer surgir da turba heroes que lutam e morrem por uma ideia.

Amilcar Cipriani

